

DO ERÁRIO ARTÍSTICO PORTUENSE

A CASA-MUSEU DE FERNANDO DE CASTRO

que o Estado adquiriu, por doação, é um alfobre de coisas de arte que a paciência e a persistência de um colecionador organizou e que, valorizando o Porto, não tem, por certo, rival no País.

Escrevendo, um dia, sobre a casa-museu de Fernando de Castro, há pouco nacionalizada, permiti-me sugerir a quem lesse o escrito que, entrando, porventura, naquela mansão de arte, fizesse o que me haviam feito, ao contemplar, pela primeira vez, a lagoa das Sete Cidades, na maravilhosa ilha açórica de São Miguel. Então, haviam-me vendido os olhos, de modo que, ao abeirar-me da lagoa verde e azul, o meu deslumbramento, desvendando-os, fosse como um choque — e assim foi, na verdade. Se alguém me aproveitou a sugestão não o sei, mas teimo em reiterá-la, agora que, pela segunda vez e a pretexto da nacionalização da casa-museu de Fernando de Castro, me ocupo, embora a «voo de pássaro», desse alfobre de jóias de arte que, vai para oito anos, me absorveu o olhar e cativou o espírito. Com os olhos tapados por uma venda que só em presença do altar-mor daquele santuário de maravilhas se arranque, o efeito para o visitante será, sem dúvida, muito mais chocante do que se a visita se iniciar, desde a porta da rua, de olhos bem abertos e gradualmente iniciados no conhecimento do recheio da casa-museu. Querem os meus possíveis e obsequiosos leitores experimentar?

Ao visitante de agora, menos ditoso do que eu, falta, para se elucidar acerca da visita, esse catálogo vivo e ambulante que era o próprio dono da casa e criador do museu, Fernando de Castro, que, por ser artista, cultivava a arte de colecionar, com a paixão e o esmero de que só são susceptíveis os temperamentos como o dele, deixou este mundo, anos há, legando ao Porto uma obra que suplanta, no significado e no valor, aquela que saiu da sua pena de poeta e do seu lápis de desenhador e o assinalou à admiração e ao louvor de quantos a conheceram.

Com os seus altos colarinhos engomados, os seus negros cabelos encaracolados, a sua impecável calça de fantasia, a sua vistosa flor ao peito, os seus polainitos de Verão e de Inverno, o seu chapéu de coco, a sua bengala de *dandy*, Fernando de Castro era uma das figuras mais características e distintas da cidade e uma das sensibilidades e inteligências mais apuradas e fascinantes que tenho conhecido. Um tanto tímido e acanhado, mais talvez por seu requinte de delicadeza inata do que por inibição idiosincrásica, Fernando de Castro acabava por encantar quantos dele se aproximavam. A princípio, antes de o conhecer em pessoa, o seu apuro de indumento e a sua ostentação de aspecto não me inculcavam o homem modesto e simples de hábitos. Logo que com ele estabeleci relações, verifiquei, porém, no seu trato, a modéstia e a simplicidade que mais lhe faziam realçar o talento de artista.

Mas, se o poeta e o desenhador, sobretudo o caricaturista, dos maiores e melhores que tenho conhecido, me



FERNANDO DE CASTRO
(1888-1946)

surpreenderam e converteram em seu admirador, surpreendeu-me, principalmente, o paciente, o indefesso, o exemplar colecionador de antiguidades, o devoto das velharias de arte, o rebuscador de preciosidades de bom gosto que, como o Junqueiro do *bric-à-brac*, compunha outra espécie de poemas, também, com as coisas que amontoava, à guisa de rimas opulentas e orquestrais, nas salas e nas dependências, nos cantos e nos recantos, nas paredes e nos tectos, nas prateleiras e nas gavetas da sua casa-museu. Porisso, devassar, percorrer, esmiuçar, com a vista, o recheio dessa residência de artista, é como folhear um volumoso álbum de mágicas estampas a cores, que se combinam por grupos, como estrofes e, entrando pelos olhos, alcançam a alma, afagando-a, embalando-a, deliciando-a, com sua música de timbres aveludados, abafados, espiritualizados...

Da minha primeira visita ao prédio n.º 716 da Rua de Costa Cabral, onde Fernando de Castro viveu e morreu e, até há pouco, continuou a viver sua irmã, D. Maria da Luz de Araújo Castro, verdadeira sacerdotisa daquele templo impressionante, onde, instintivamente, se caminha sobre as plantas dos pés e se abemola a voz, para não perturbar aquela paz e aquele ambiente de santuário, da minha primeira visita ali sou forçado a reeditar um ou outro trecho do que então escrevi, pois novidades de monta não tenho a dar e não me consta haver modificações de vulto que imponham registo. Nem todos os leitores d-O TRIPEIRO, por certo, visitaram, alguma vez, a casa-museu de Fernando de Castro e, ainda que todos por lá tivessem passado, o que acerca do conteúdo do prédio n.º 716 da Rua de Costa Cabral refiro, neste artigo, não lhes seria despiciendo, não,

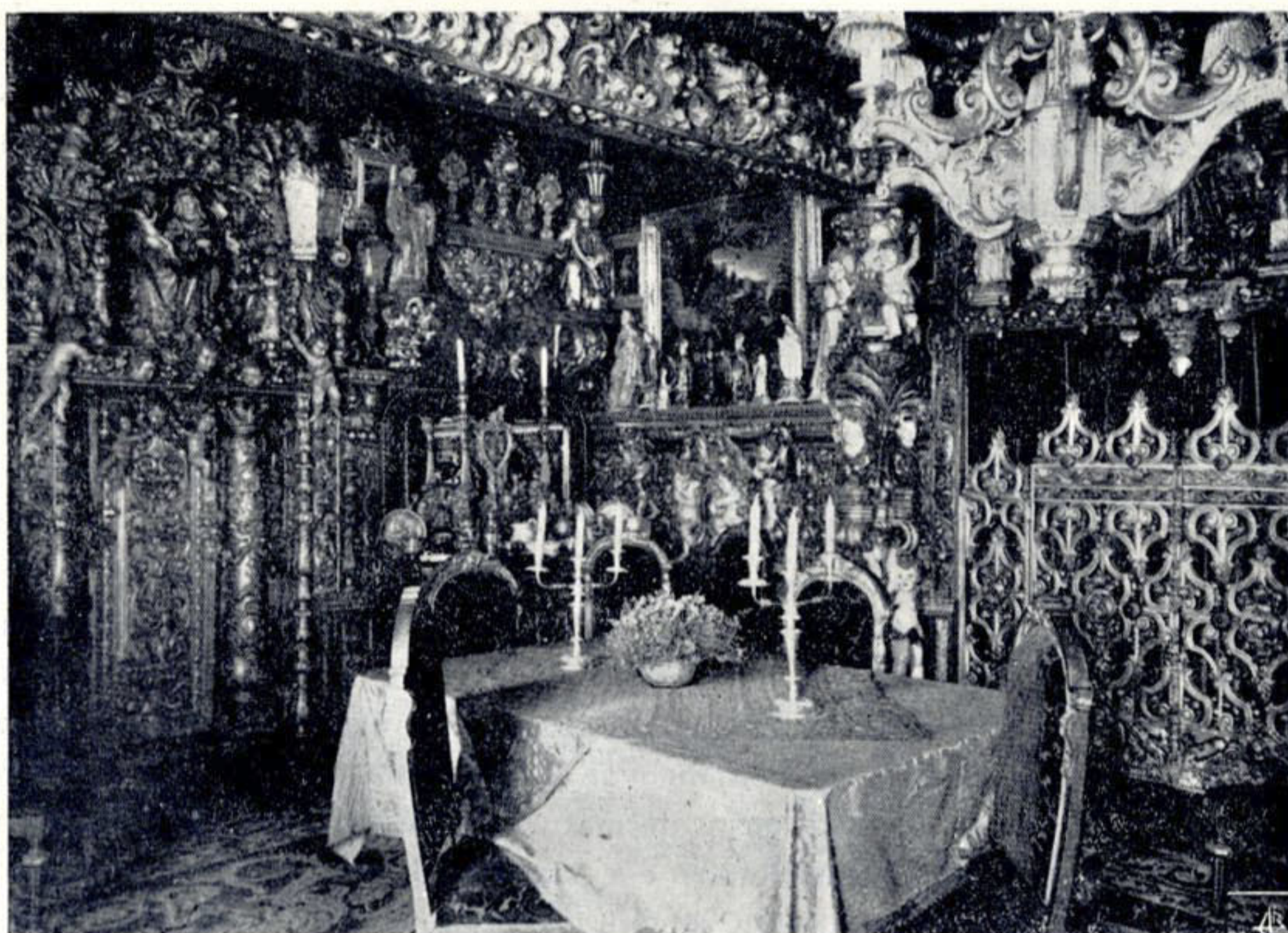
bem entendido, pelo modo de referir, sim pelo tema da referência, digno do interesse de quantos apreciam a beleza e a grandeza das coisas criadas pelo engenho humano.

Quanto ao continente, cumpre-me insistir no asserto de que é um daqueles inúmeros prédios burgueses que o século pretérito nos legou e, pela solidez da fábrica, pela simplicidade da traça, não serão, tão cedo, substituídos por esses prodígios architectónicos de estilo caixotesco — releve-se-me o neologismo, empregado para evitar o adjectivo quixotesco, que estava mesmo a borbulhar do bico da «permanente» — que a moderna architectura prodigaliza por todas as vastas metrópoles, o Porto incluído. À direita, porém, o prédio contíguo exprime o que quer que seja de estranho. De estranho, não digo bem, porque ninguém estranhará, ali, aquele prédio que sugere uma fachada de fábrica ou de laboratório ou de... ou de museu — porque não dizê-lo, se um museu pode ter, também, uma fachada como aquela? Ora esse prédio contíguo é, apenas, um edifício anexo, melhor: o natural prolongamento do edifício primitivo em que Fernando de Castro começou, há muitos anos, a acumular objectos de arte, daqueles que, habitualmente, se rotulam com a designação de «antiguidades».

Quanto ao conteúdo, algumas das divisões da casa-museu dão ao visitante a impressão de abarrotadas de peças até à congestão, mas ao observador atento e minucioso não escapará o critério de ordem que ditou o arrumo de tudo quanto, ali dentro, se expõe. Desafogar essas divisões, dispondo as coisas expostas de maneira a facilitar a contemplação dos curiosos e o exame dos entendidos? Não me parece isso aconselhável nem admissível, até pelo que se lê no decreto-lei publicado no *Diário do Governo* e originado pela doação ao Estado de «toda a colecção de objectos de arte e de curiosidade que [D. Maria da Luz de Araújo Castro] herdou de seu irmão Fernando de Castro e dois prédios na cidade do Porto para instalação da mesma colecção e exposição ao público, sob a designação de Casa-Museu e sob a égide do nome dele, para cumprir a sua vontade e patentear o seu amor pelas coisas de arte»:

«Atendendo a que a colecção se compõe de imagens e outras esculturas em pedra, barro, marfim e madeira dos séculos XVI, XVII e XVIII, quadros modernos, obras de talha, objectos diversos de culto religioso, móveis, lustres, espelhos, livros e tapetes de elevado valor e, despertando viva curiosidade, interessa, portanto, manter intacta a colecção e expô-la no ambiente em que foi reunida, pacientemente, durante muitos anos».

Leve não é, de modo geral, o aspecto do que ali se mostra. Mais, claro está, no sentido figurado que no literal sentido do adjectivo. Todas aquelas peças de vetusta iconografia religiosa (a escultura cristã tem notável representação ali, em estilos e idades), todos aqueles espécimes



Casa-museu de Fernando de Castro — Sala de jantar — um aspecto

de obra de talha que constituiriam razão de orgulho para a mais opulenta catedral da nossa velha Europa, toda aquela magnífica e esplendorosa profusão de graves ouros velhos que, por toda a parte, cintilam e ofuscam, se lhes bate em cheio a luz eléctrica que jorra, a flux, de lâmpadas e lustres sãbiamente dispostos, pesam à vista e não predispõem, de modo algum, a uma observação perfunctória e frívola.

O precioso recheio da casa-museu dar-me-ia motivo para recheiar algumas páginas desta revista com o copioso relato do que vi. Porque o espaço não abunda n-O TRIPEIRO, porque o tempo de que disponho não é muito e porque não quero privar os presumíveis visitantes da casa-museu de Fernando de Castro que, porventura isto lerem, do gosto infável de fazerem as suas próprias descobertas, sem necessitarem do guia eventual destas palavras descritivas, limitar-me-ei a chamar a atenção alheia para aquilo que, uma vez, foi alvo da minha própria atenção.

No portal e no corredor do primeiro pavimento, logo o visitante depara com preciosos espelhos em estilo D. João V, lampadários de ferro forjado, panos parietais, imagens sacras do século XIV, delicados crucifixos e relicários, baús de reluzente fecharia, valiosos quadros, vidros e faianças de reputada procedência. O conjunto é de majestosa sumptuosidade. Na sala minhota, à entrada, pompeiam os tectos e lambris que vieram de Braga, do extinto mosteiro dos Remédios. Uma grade de ferro forjado, provida da cruz arquiépiscopal, que Fernando de Castro desenhou, de acordo com os cânones ornamentais do século XVIII, quadros do mesmo século e de pintores contemporâneos, encantadoras imagens do hagiológico cristão, entre as quais uma *Mater Dolorosa* italiana do século XII, trípticos de marfim, faianças, peças de talha oriundas do convento bracarense de Montariol, obras de escultura firmadas por Henrique Moreira, um quadro de Vieira Portuense, motivos ornamentais da província minhota. No vestíbulo, salientam-se o tecto faustoso de talha pintada, os lambris de talha ornados de serafins, os painéis de azulejo, as cruces góticas, os espelhos, os qua-

dros dos séculos XVI e XVII e do nosso tempo, as faianças, as peças de iconografia religiosa. Espantosa pela sua grande riqueza decorativa, a casa de jantar, cujo tecto, em caixotões, é um prodígio de talha policrómica e dourada espanhola e do século XVIII. As suas colunas em estilo Renascença, de talha dourada, as suas pratas maravilhosamente trabalhadas, as suas imagens góticas e setecentistas, as suas pinturas em cobre, os seus quadros de pintores holandeses, franceses, italianos e portugueses, estes de Domingos de Sequeira, os seus vidros e porcelanas, os seus vitrais de sacrário, turíbulos, gomis, lampadários de bronze, as suas peças de mobília de talha em estio Renascença — fazem desta casa de jantar a mais notável de quantas tenho podido observar, dentro e fora do País.

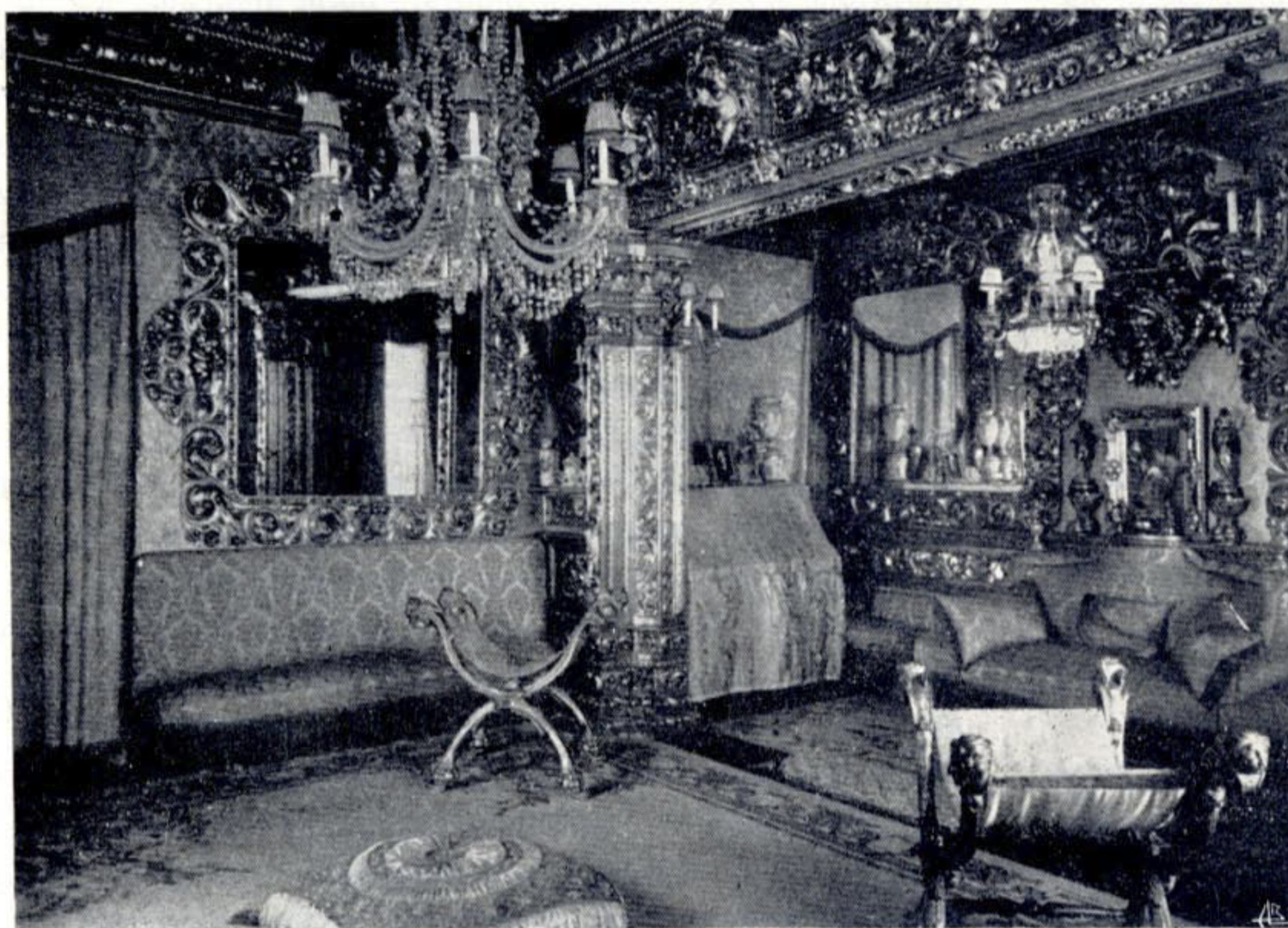
A cancela que separa estas dependências da contígua e que a fantasia estética de Fernando de Castro ditou é, também, um primor de bom gosto decorativo. A escada de comunicação com o primeiro andar e a galeria D. João V, que a remata, são, por seu turno, alfobre de coisas raras e valiosas. Quadros de pintores dos séculos XV e XVI, do Grão Vasco, de Gaspar Dias, cujo célebre *Pentecostes* esplende ali, dominadoramente, e de outros, cruzes góticas de cobre, imagens religiosas de pedra de Ançã, baixos-relevos de madeira policromados, figuras de anjos, candeeiros, faianças, tocheiros, relicários em estilo D. João V, tábuas das escolas flamenga e portuguesa dos séculos XVI e XVII, constituem o recheio desta parte do edifício, cujo tecto, em caixotões de talha dourada e artesões pintados e cujos lambris, também pintados, lhe conferem beleza e grandeza extraordinárias. Na sala de leitura, distinguem-se as estantes, em estilo Renascença, o tecto, com painéis pintados, do século XVIII, os quadros de Sousa Pinto, as esculturas de Soares dos Reis e Teixeira Lopes, os presépios de barro, as estatuetas francesas, as figuras chinesas, os leques, os *bibels* e, porque de uma biblioteca se trata, obras de Camilo, em edições raras e preciosas.

A sala de baile, se não é a mais preciosa nem a mais

significativa da casa-museu é, com certeza, a mais luxuosa e aparatosa de todas. É, também, uma persuasiva e vitoriosa demonstração da magnificência do estilo Renascença. Os espelhos, de majestoso porte, reflectem a pompa insuperável da decoração. No tecto, a talha atrai e encanta o olhar mais desatento e indiferente. As pinturas, de mestres italianos e portugueses, os lustres de cristal, as jarras de vidro coalhado, os faldistórios, os bronzes, as porcelanas, os damascos, os bordados árabes, as tapeçarias, os reposteiros, os sofás, tudo sugere uma sala de baile de palácio real, ambiente a carácter para damas de cabeleira empoadada, saia de balão, cintura de vespa, leque ornado com figurinhas de Watteau, sinalzinho de tafetá no rosto muito fino, e cavalheiros de peruca, punhos de renda, quitó dourado à cinta e *lorgnon* no punho negligente... Ao fundo, em lugar de relevo, a tela famosa do famoso Signorini *Le Malade Imaginaire*, uma apoteose de cores fortes e deslumbradoras, em que o escarlata se impõe. Depois, na segunda galeria, uma espécie de reconstituição de um recanto do convento de Santa Clara de Coimbra, salienta-se um púlpito, em estilo Renascença, o que predomina em toda a casa-museu. Os tectos e lambris são de talha dourada e, bem como os vitrais, o altar, as maquetinas, os lustres de Veneza, os candeeiros de talha dourada, também, as peças de imaginária religiosa, de madeira policromada, os crucifixos, o relógio, em estilo Renascença, o corrimão de talha e o mais que valoriza aquela dependência do edifício cativam o olhar do visitante, que não sabe com que maravilhar-se mais.

Em cima, no segundo andar, o quarto de dormir, onde parece que ninguém pernoita, de tal modo tudo se mostra ornado e preparado para receber a visita de quem quer que apareça, ostenta um leito dourado, de talha, em estilo *Rocaille*, mísulas, baldaquinos, cruzes, faianças, imagens e quadros, tudo sobrepujado por um admirável tecto de talha, em estilo Luís XV.

A parte nova do edifício está ocupada por duas galerias, igualmente notáveis pelo conteúdo. Numa, expõem-se muitos dos quadros firmados pelos mais gloriosos pintores portugueses. A outra, mais pequena em dimensão, está preenchida por peças de estatuária sacra, românica e gótica, em pedra de Ançã e em madeira, dos séculos XVI e XVII, portuguesas na maior parte, com representação da imaginária francesa. Notáveis, em particular, as imagens visigóticas, em pedra lavrada. Entre as duas galerias, que, só por elas, justificariam visita demorada à casa-museu de Fernando de Castro, um tocheiro policromado, cujo desenho é obra daquele artista, é como uma barreira de séculos entre duas espécies de obras de arte. A pinacoteca, das maiores e melhores, certamente, que existem em Portugal, fora dos museus públicos, ostenta as firmas insignes de Josefa de Óbidos, Roquemont, Rosa Bonheur, Daubigny, Bastien, Lefage,



Desporez, Casanova, Silva Porto, Malhoa, Columbano, Carlos Reis, Sousa Pinto, Ramalho, Henrique Pousão, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, António Carneiro, António José da Costa, Roque Gameiro, Condeixa, Velloso Salgado, Sousa Lopes, Alves de Sá, João Vaz, João Augusto Ribeiro, Acácio Lino, José de Brito, Alberto de Sousa e outros.

É isto — e o mais que fica por referir — a casa-museu de Fernando de Castro. Particular até há pouco, visitada apenas pelos raros que sabiam da existência de tal santuário de arte ou que a generosidade do coleccionador de tantas coisas preciosas ali levava, vai tornar-se, em breve, na mais notável das nossas casas-museus, pois nenhuma das que conheço logrará competir com ela em vulto e variedade de recheio. Obreiro incansável, de beneditino labor, Fernando de Castro, a cuja memória não se prestou ainda a homenagem merecida pelo que valeu e pelo que realizou, deixou uma obra de que o Porto deve, legitimamente, ufanar-se. A paciência e a persistência ilimitadas do poeta e artista, cujo espírito de eleito dir-se-ia adejar, propícia,

tutelarmente, sobre aquele tesouro de arte, conseguiram o milagre de boa vontade e de bom gosto que tudo aquilo nos patenteia. O zelo constante de D. Maria da Luz de Araújo Castro, que transcende os limites da estima fraternal e alcança a esfera das intensas venerações que aos santos se consagram, é seguro penhor de que a boa vontade e o bom gosto do artista não sofrerão com a mudança de proprietário. Ao tomar conta da casa-museu de Fernando de Castro e ao anexá-la ao Museu Nacional de Soares dos Reis, de que se converteu, assim, em valiosíssima dependência ou, antes, em formosíssimo prolongamento, o Estado pôs-lhe a sua chancela oficial, conveniente para a popularização de uma obra que merece o conhecimento de todos. Deixando de ser logradouro de alguns privilegiados e passando a sê-lo de toda a gente que a queira visitar, a casa-museu de Fernando de Castro vai, enfim, cumprir a sua nobre missão estética. Ao artista que a fez fica o Porto — e o País — a dever um serviço cultural que justifica incondicional louvor.

HUGO ROCHA.

A Heráldica de Família nos Lugares Santos do Porto

PARTE I

I — NO PRADO DO REPOUSO

(Sequência)



BRASÃO D'ARMAS

Composição: Escudo em oval, pleno: Bacelar; Elmo aberto, posto a três quartos; Timbre de Bacelar; Cartela decorativa.

Época: Século XIX.

Material: Calcário.

Localização: No cemitério da Confraria de Santo Ildefonso, no jazigo n.º... (de Cerqueira Vilaça Bacelar)

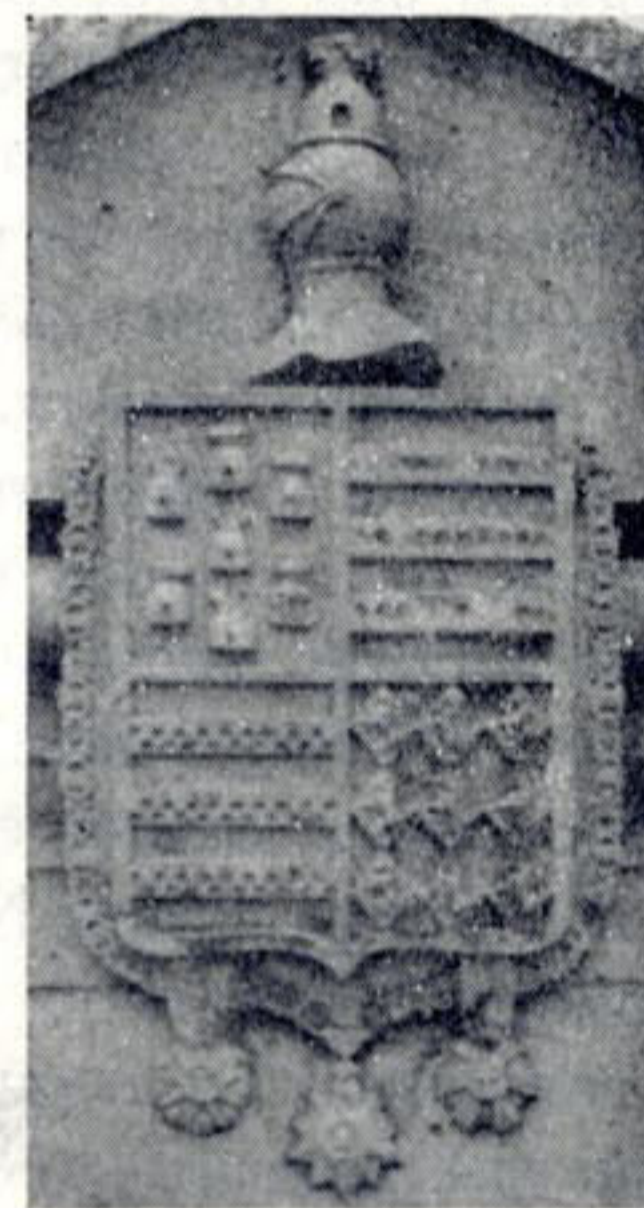
BRASÃO D'ARMAS

Composição: Escudo esquartejado: I Moura, II Vasconcelos, III Soutomaior e IV Brito; Elmo aberto, gradeado, perfilado à direita; Virol; Timbre de Moura; Colar e placa de...⁽¹⁾; Fitas com a comenda da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e a placa de...⁽¹⁾.

Época: Século XIX.

Material: Mármore.

Localização: No cemitério da Santa Casa da Misericórdia, no jazigo n.º 14 (de António Júlio de Moura Coutinho, de Domingos de Gusmão e Castro d'Araújo, do dr. Joaquim Mário de Castro e outros).



BRASÃO D'ARMAS

Composição: Escudo esquartejado: I Brito, II Silva, III Pinto e IV Ferreira. — Diferença: uma brica com um besante; Elmo aberto, gradeado, perfilado à direita; Paquife com virol; Timbre de Brito, mutilado; Correias do escudo; Fitas com a comenda da Ordem Militar de Cristo e a da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Época: Século XIX.

Material: Mármore.

Localização: No cemitério da Santa Casa da Misericórdia, no jazigo n.º 5 (do 1.º barão e do 1.º visconde da Ermida e família).



VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA.

Fots. de Edgar A. Ennor.

NOTA:

⁽¹⁾ Nem as informações que amavelmente nos enviaram as entidades oficiais, nem as consultas de documentos a que procedemos, nos permitiram identificar estas duas condecorações.

CORRIGENDA:

No estudo anterior, na descrição do 3.º brasão d'armas vem: *Fita que teve pendente a comenda de...* Ficará melhor: *Fita que teve pendente a placa de...*